



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 04 | Nº. 07 | Ano 2023

EDITORIAL – É NA TEIMOSIA ACADÊMICA QUE TRILHAMOS COM A BOA VELHA E CIÊNCIA!

Rodrigo Castro Rezende

O pós-modernismo trouxe uma série de mudanças políticas, sociais e filosóficas das mais diversas. Avançamos em termos de tecnologia e de empatia, mas, contraditoriamente, parece que regredimos nos campos da tolerância e do Direito. O pós-modernismo decretou o sucesso do capitalismo e do imperialismo, caso não sejam sinônimos. Quase ninguém mais disserta sobre “Luta de Classes”, “burguesia”, “proletariado” etc. Porém, todos lutamos dia a dia com afinco, em prol das minorias. As “Classes” foram escondidas por “lutas das minorias”, o que é absolutamente louvável, mas não atinge o principal problema no mundo: a concentração de renda nas mãos de poucos.

O nosso maravilhoso Rio Grande do Sul passa por um momento crítico, desesperador e de profunda tristeza. Famílias inteiras foram despedaçadas; casas foram arrastadas pelas águas; vidas foram ceifadas; e os nossos corações inundados pelas mazelas políticas dos governantes que poderiam ter evitado essa situação. Nesse cenário, teve gente afirmando que a culpa era da “mudança climática”, enquanto que outros refletiram sobre como salvar os “povos” ditos tradicionais. Estranhamente, poucos propuseram investigar a distribuição de verbas nos bairros de ricos e de pobres; de como os banqueiros ganham o dinheiro que poderia ter sido utilizado; e outras questões. O mais incrível é que os “Jovens Líderes Globalistas” não se manifestaram sobre o assunto, embora pareçam estar em polos antagônicos. Mas, é porque só parecem mesmo...

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Esse é o mundo pós-moderno, caro(a) leitor(a). Todos se sentem no direito de apontar o dedo e de chamar o outro de culpado, sobretudo, utilizando a velha máxima do “politicamente correto”. É espantoso que ninguém tenha chamado a atenção para as inundações no Quênia ocorridas, praticamente, no mesmo período que as do nosso formidável Rio Grande do Sul, e que matou quase 200 pessoas. A tal “mudança climática” e os “povos” tradicionais só constituem pontos de pauta quando ganham palco, malgrado a todo momento a tragédia dos palestinos apareça em nossos meios midiáticos. Não seriam os palestinos passíveis de nossos gritos em defesa dos que sofrem? Aqui, caro(a) leitor(a), temos que deixar uma coisa bem clara: Não é que os “povos” tradicionais não mereçam a nossa atenção. E também não é que a “mudança climática” constitua um falseamento da realidade. Mas, só vêm estes temas só vêm à baila quando necessário, desde que rendam visibilidade aos que supostamente gritam em prol destes. Além disso, não são todos os “povos” tradicionais, ou todos os desastres ambientais que importam para os signatários das ONG’s, que estranhamente recebem financiamentos de instituições internacionais... Essas são agendas promissoras. Como escreveu Mahmood Mamdani: o genocídio depende de quem morre...

Por todas essas elucubrações, tenho orgulho de apresentar os trabalhos dos jovens autores, que vêm na contravenção dos estímulos dados pela “obsolescência programada”, como diria Humberto Gessinger, do pós-modernismo. O primeiro artigo desse número é o de Cristiano José dos S. Monteiro, intitulado “**Política externa angolana: Breve panorama no Governo de João Lourenço (2017-2021)**”, em que faz uma bela análise sobre a política externa de Angola, através da figura do atual presidente, João Lourenço, em seu mandato de 2017 a 2021. Cristiano Monteiro nos mostra a importância da figura presidencial angolana na condução dessa política externa, muitas vezes, espinhosa.

O segundo trabalho investigativo é o de Aires Paulo Pedro Panda, sob o título “**Angola: colônia portuguesa, independência, guerra civil: reflexão teórica a partir do contexto histórico**”, em que o autor nos convida a analisar o processo histórico e formativo nacional da bela Angola nos períodos pré e pós-colonização lusitana, adentrando na longa guerra civil que devastou o país por várias décadas. Posteriormente, temos o artigo de José Corindo Muaquixe, “**A transferência de estruturas gramaticais da língua cokwe para o português: um estudo sociolinguístico no contexto da Lunda-Norte/Angola**”, no qual o autor discute a transferência das estruturas gramaticais do cokwe (vejam que nem todos na África falam iorubá, leitores) para o português. É isso mesmo! O português foi influenciado pelo cokwe e isso não é um estudo dos que se apresentam como decoloniais, mas um trabalho científico, pautado na Linguística.

O texto “**Considerações sobre o ensino de história no contexto angolano**”, de autoria de Euclides V. Silva Afonso, integra esse número e tem como proposta estudar o ensino de

História em Angola, mais detidamente sobre a curricularização e a importância da História Pública para o país das palancas negras. Assim, Angola, enquanto um país de vasta pluralidade cultural e histórica, precisa ter um ensino estrategicamente pensado em seus inúmeros contextos.

Prezados(as) leitores(as), eu já disse que sou um fã incondicional dos trabalhos angolanos? Não!?! Pois é, sou. E aqui vai outro artigo feito por um angolano, de nome João Domingos Ngoma, com o título **“O contributo do grupo ovimbundu na educação dos membros no contexto sociocultural”**, em que leva o leitor a refletir sobre a educação feita e praticada pelo povo Ovimbundu, em seu próprio contexto na contemporaneidade. Esse grupo mistura as instituições ditas tradicionais com as convencionais de ensino para instruir seus membros.

Ainda discutindo sobre educação, mas agora em Moçambique, temos o trabalho **“Políticas públicas educativas: a inclusão da cultura moçambicana no currículo do ensino básico”**, de Ivan Felisberto Mussivane, em que o autor disserta sobre a inserção da cultura moçambicana, igualmente plural, no currículo do ensino básico. Ivan Mussivane questiona os motivos pelos quais as diversas culturas locais não são incorporadas nas práticas educacionais do país.

Por último, André Pascoal Gaspar faz uma análise sobre como os estudantes advindos do continente africano são representados e tratados na querida cidade de São Francisco do Conde – BA. O seu trabalho, por isso, recebeu o título de **“Fluxo migratório de estudantes africanos no interior da Bahia: possíveis transformações no olhar do franciscano sobre o africano”**, em que o autor faz uma análise com os estudantes veteranos ou calouros no município.

Para terminarmos, gostaríamos de dedicar esse número aos inúmeros seres humanos do nosso lindo Rio Grande do Sul, da maravilhosa Quênia, da resiliente palestina e a todos e todas que são vítimas do imperialismo. A nossa esperança é que os jovens pesquisadores(as), como os que fizeram esse número possível com seus esforços, consigam transmutar as vidas dos menos abastados e dos mais indefesos em felicidades e vidas dignas.

Boa leitura!

Rodrigo Castro Resende